

Seminário Aberto

Hermenêutica da Literatura e Tradução

Teoria e prática a partir de exemplos
da literatura lusófona
2.4.

Antropofagia cultural e tradução: teoria e prática

[Burghard Baltrusch](#)

2021



“Só a Antropofagia nos une”

(Oswald de Andrade, “Manifesto antropofágico”, 1928)

Antropofagia como
metáfora e tradução cultural



Preparem pratos, talheres, guarda-napos e, se for preciso, Alka-Seltzer!



Estamas a falar de canibalismo?

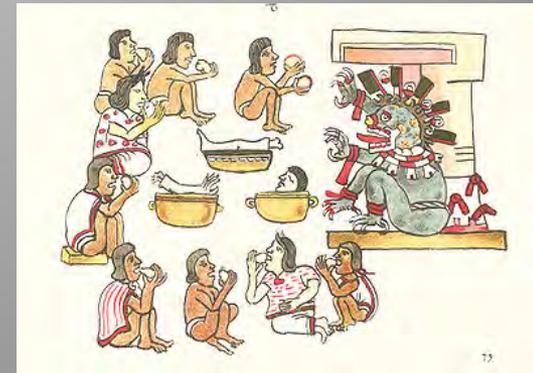


Caníbal: < *caryba / canyba*, nome do povo das Antilhas, considerado antropófago pelos colonizadores espanhóis.

Formas de canibalismo: mítico, religioso, ritual (simbólico), mágico, funeral, alimentício, medicinal, psicopatológico, etc.

Endocanibalismo: Ingestão de familiares (p.ex.: ao longo de um ritual funerário, os Yanomami misturam as cinzas dos mortos com uma papa de banana).

Exocanibalismo: Ingestão de inimigos (cf. Aztecas, Tupinambá).



Curiosidades da História do Canibalismo na Europa

Métodos arqueológicos modernos fornecem provas para a existência da antropofagia através dos tempos e dos âmbitos culturais europeus:

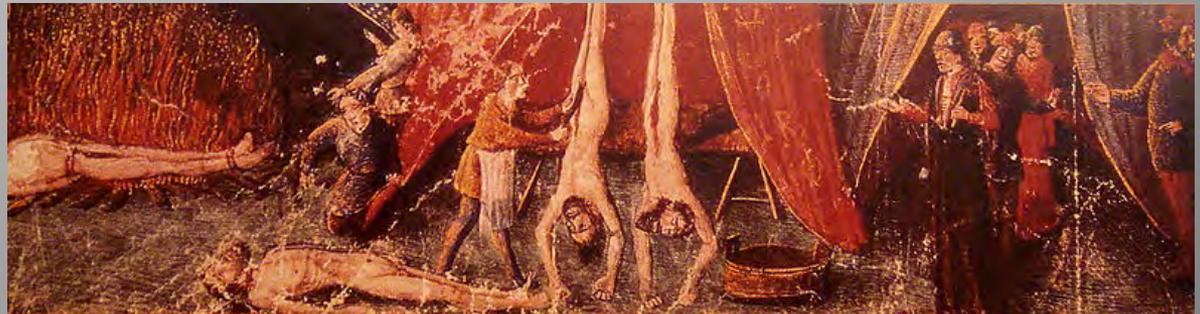
Prehistoria: Em toda a Europa foram achados ossos com marcas que indicam práticas antropófagas (desde 800.000 a.0).

Império romano: Bebia-se sangue de gladiadores mortos para remediar a epilepsia.

Até séc. XVIII: Restos humanos de condenados em autos-da-fé foram transformados em fármacos porque existia a crença que os corpos dos pecadores arrependidos tivessem poderes curativos.

Até ao séc. XIX: Comercializavam-se múmias pulverizadas em farmácias para tratar doenças diversas.

Canibalismo exercido pelos cruzados no século XIII durante o cerco de Maarat an-Numan



Tema universal do imaginário humano

Na Europa, existia desde a Antiguidade a crença que nas margens do mundo viviam povos antropófagos.

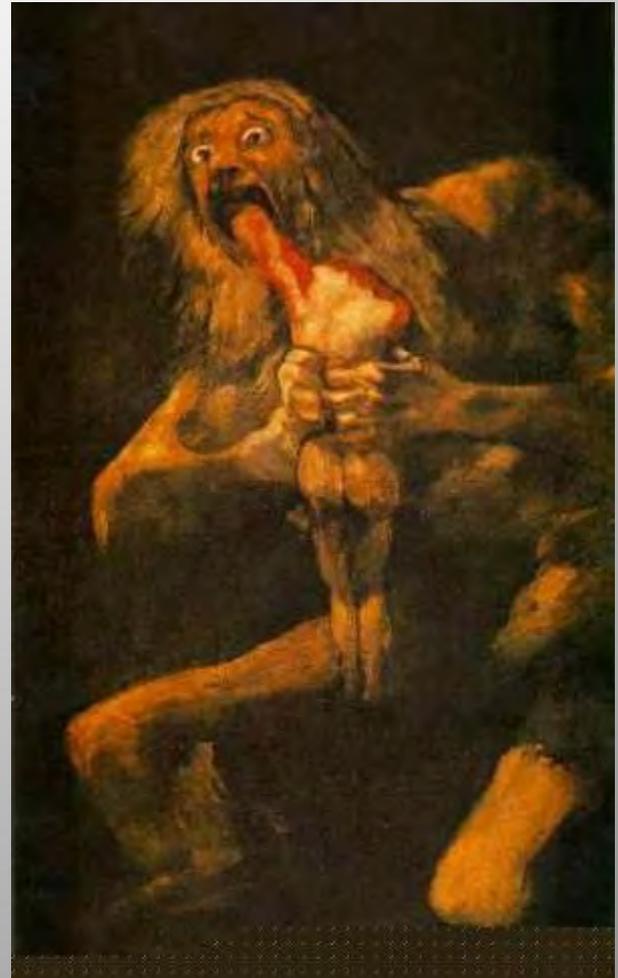
Para a cosmogonia dos Yanomami (que praticam endocanibalismo), a antropofagia combina motivos de assassinio, violação e canibalismo.

Na sua língua, “copular” e “comer” são designados pela mesma palavra.



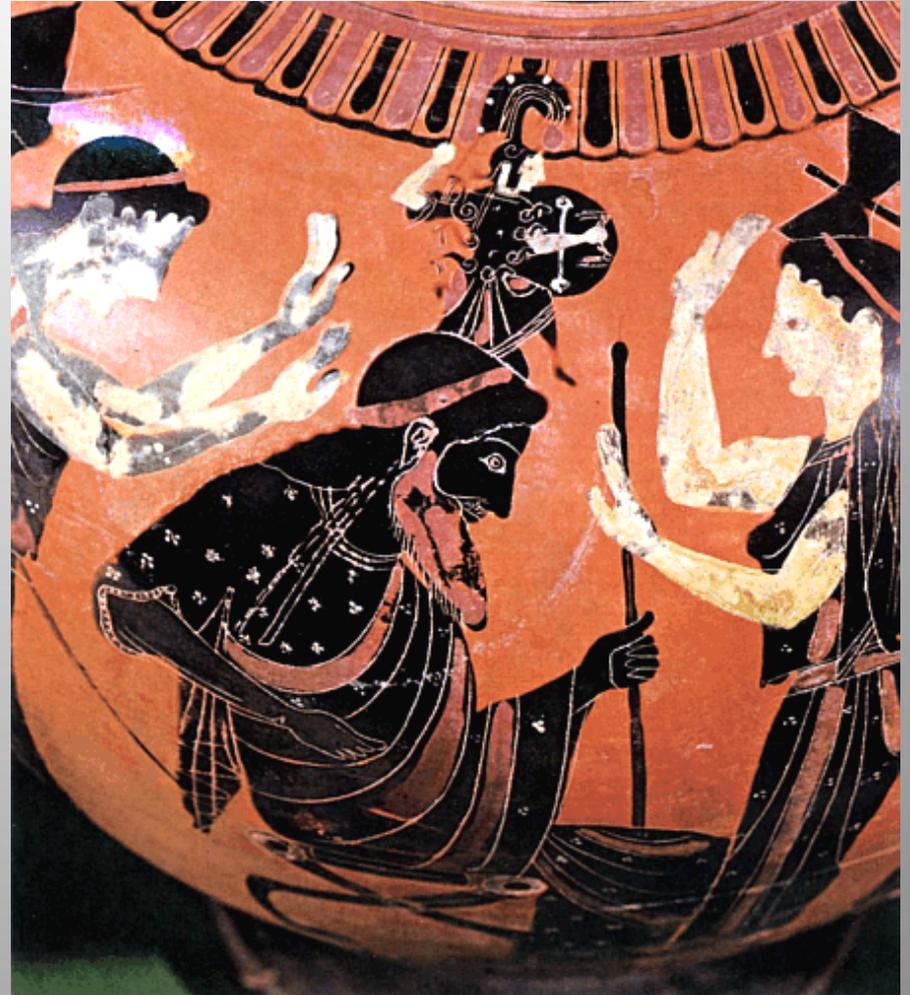
Saturno (Cronos),
filho de Urano,
devora os seus filhos
para que não lhe
arrebatem o poder.

Goya: “Saturno devorando um filho”,
1819, Museu do Prado



Athena nasce da cabeça de Zeus depois de este ter engolido a sua mãe, Métis, já grávida.

Zeus fora advertido por Gaia de que Métis lhe daria um filho e que este o destronaria, assim como ele destronou Saturno e, este, Urano.



No conto de fadas Hänsel e Gretel, dos irmãos Grimm, a bruxa pretendia engordar as crianças para depois comer a sua carne.



Em versões anteriores àquela que Charles Perrault adaptou para a corte francesa (1697), e a dos irmãos Grimm (1812), o “Capuchinho vermelho” (*Le petit chaperon rouge*, *Rotkäppchen*) é **forçado pelo lobo a beber o sangue da avó e a comer a sua carne.**



Literatura tradicional/popular: processo de tradução cultural

Conto de fadas “Rumpelstiltskin” (Rumpelstilzchen):
motivo da criança sacrificada/comida.

É provável que alguns destes contos de tradição oral se derivem de rituais de sacrifício que tinham, inicialmente, um carácter antropófago, mais tarde transfigurado (oferta queimada, etc.).



Religião e antropofagia

Eucaristia cristã: origem em ritos antropófagos e sacrifícios humanos (cf. S. Freud, *Tabu und Totem*, 1912)

Objectivo original: pacificar uma ira divina.

Hóstia sagrada: representa o corpo sem pecado que Cristo ofereceu na Cruz como resgate.

Vinho: o seu sangue (ou seja, a sua vida perfeita), oferecido para a redenção da humanidade.



Explicações psicoculturais do canibalismo e das narrativas relacionadas

- Processo de construção e de tradução:

Diferença entre o próprio e o alheio (“o selvagem”, “a bruxa”, etc.).

Problemas psicológicos (traumas sexuais, separação da mãe, medo de morrer, etc.).

- Questão dos limites do Eu:

Diferença em relação ao Outro.

- Questão da polarização entre o Bem e o Mal:

Diferenciação, mas também a transgressão de limites e regras.

- Questão da interpretação do corpo como elemento constitutivo de cultura: modas, cirurgia estética, *tattooing*, *piercing*, etc.



Informações sobre o canibalismo nos ‘novos’ mundos que chegaram à Europa foram menos uma representação da realidade do que uma espécie de espelho no qual a cultura europeia observou a sua imagem de forma intencionalmente torcida e grotesca.



“Antropofagia a finais do século XIX”, Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik, 1893

Os primeiros testemunhos constroem uma **dicotomia de valores:** “Caníbal” vs. “Bom Selvagem”





Eugène Delacroix (1798-1863): *Lez Natchez*, 1835.
Óleo sobre tela, 90,2 x 116,8 cm.
Nova York, Metropolitan Museum.

Hans Staden (1525-1576):

História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão (Marburg 1557)

Aventureiro alemão prisioneiro dos Tupinambá (1554-1555).

1.º testemunho pormenorizado de antropofagia ameríndia.

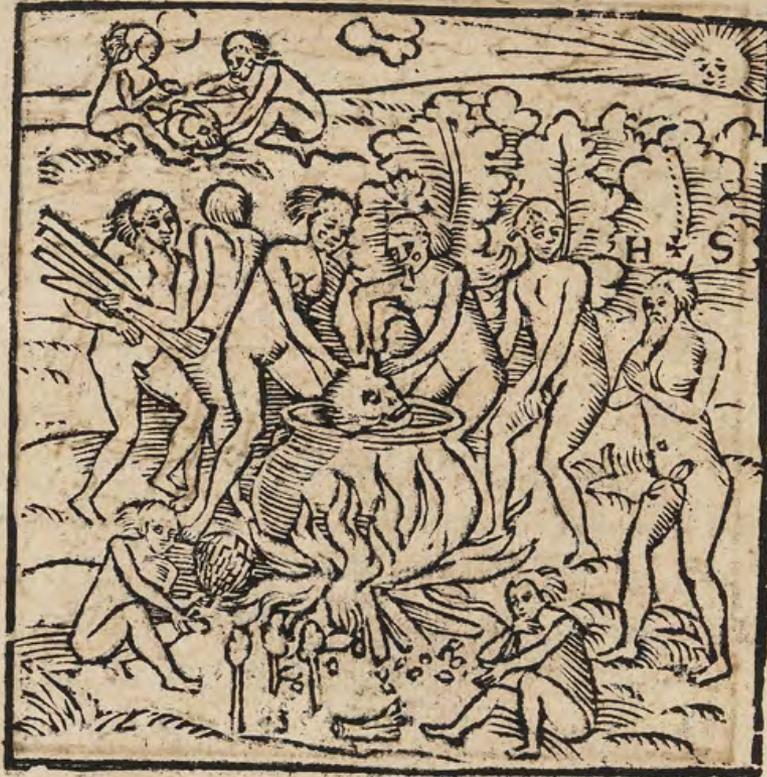
Através de comentários pios, Staden apresenta-se como uma espécie de Daniel na cova do leão, maltratado por selvagens e salvo devido à fé e às preces em voz alta.

Valor etnográfico só se apreciou a partir do século XX.

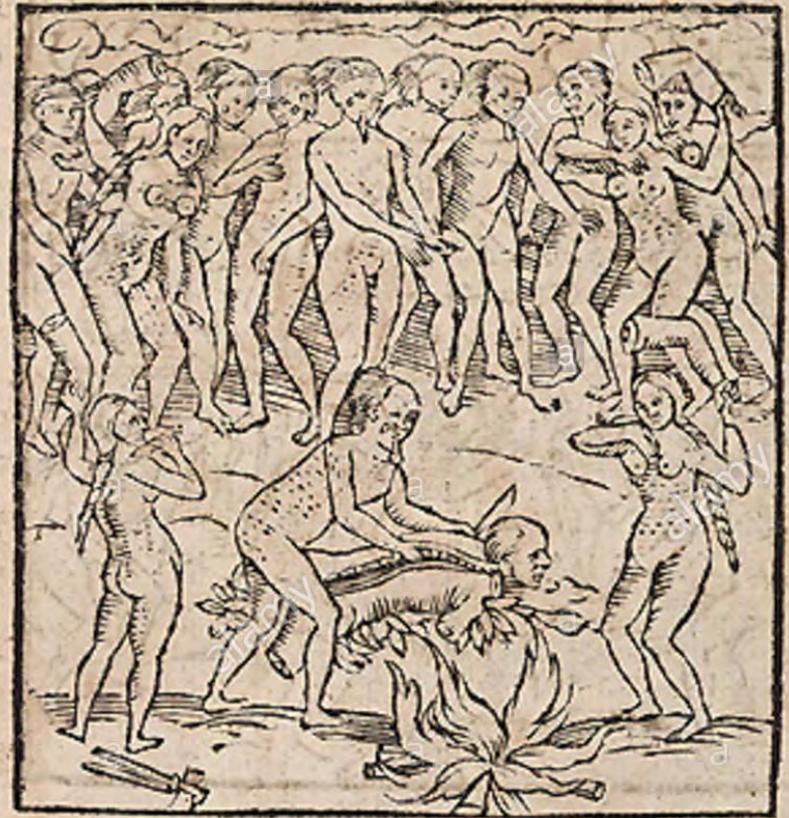
Prevaleceu o sensacionalismo da parte, sobre as guerras e o canibalismo dos Tupinambá.



Ilustrações da *História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens* (1557)



Essen/essen die-jungen. Wann das alles geschehen ist/so
 gehet dann cyn yeder widerumb heym / vnd nemen se theyl
 mit sich. Der jenige so diesen getödtet hat/gibt sich noch ey-
 nen namen/Vnd der König der hütten krazet jnen mit ey-
 nem wilden thieres zane oben an die arme. Wann es rechte
 geheylet ist/so siber man die masen/ das ist die ehre darsür.
 Dann muß er denselbigen tag still ligen in eynem netz/ebun-
 ybme



f- auff das feuer/krazt im die haut alle ab/machen in ganz
 weis/stopfen im den hindersten mit eynem holze zu / auff
 das im nichts entg/bet.

Wann im dann die haut abgefeger i / ni npt in eyn mans
 perso / schneidet im die beyne vber den kniben ab/vnnd die
 arme in dem leibe/ dann kofien die vier weiber vnd nemen
 die vier stücke/ vnd lauffen mit vmb die hütten her/machen

Como Era Gostoso o Meu Francês (1971)

Filme dirigido por Nelson Pereira dos Santos.

Baseado no livro de Hans Staden que, no filme, passa a ser um francês que é feito prisioneiro pelos índios tupinambás antropófagos.

Diálogos em Tupi-guarani.

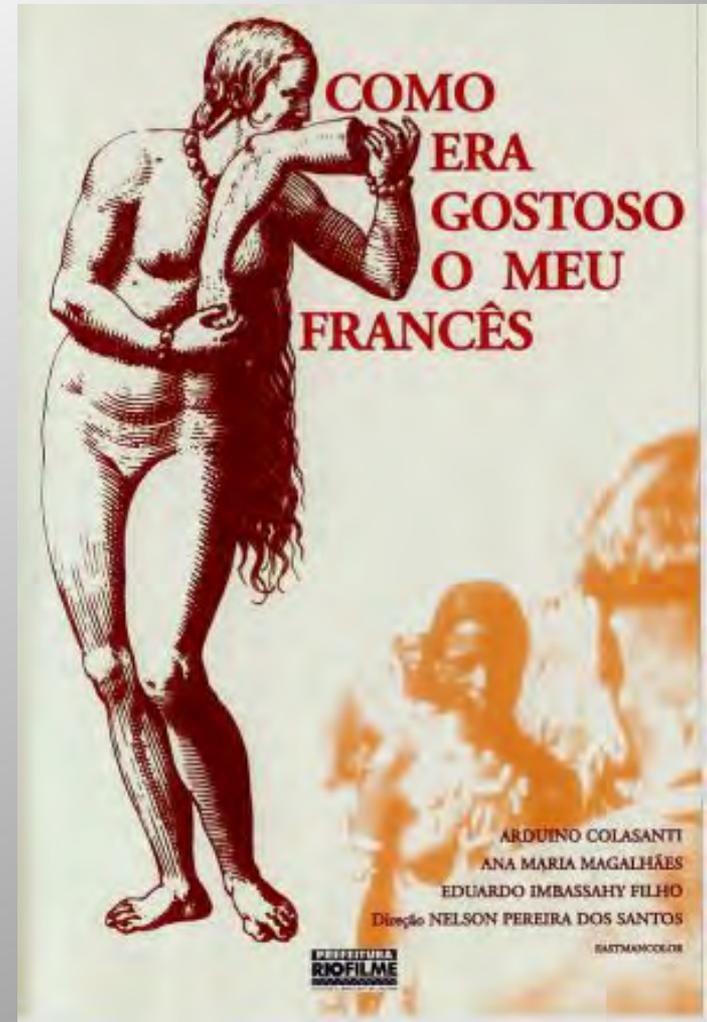
Inicialmente censurado por causa da nudez de actores e actrizes, foi depois liberado para maiores de 18 anos.

Justificação:

nudez de índios não seria pornográfica.

Disponível na Youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=ZmTPHXeCDUg&ab_channel=VictorCosta



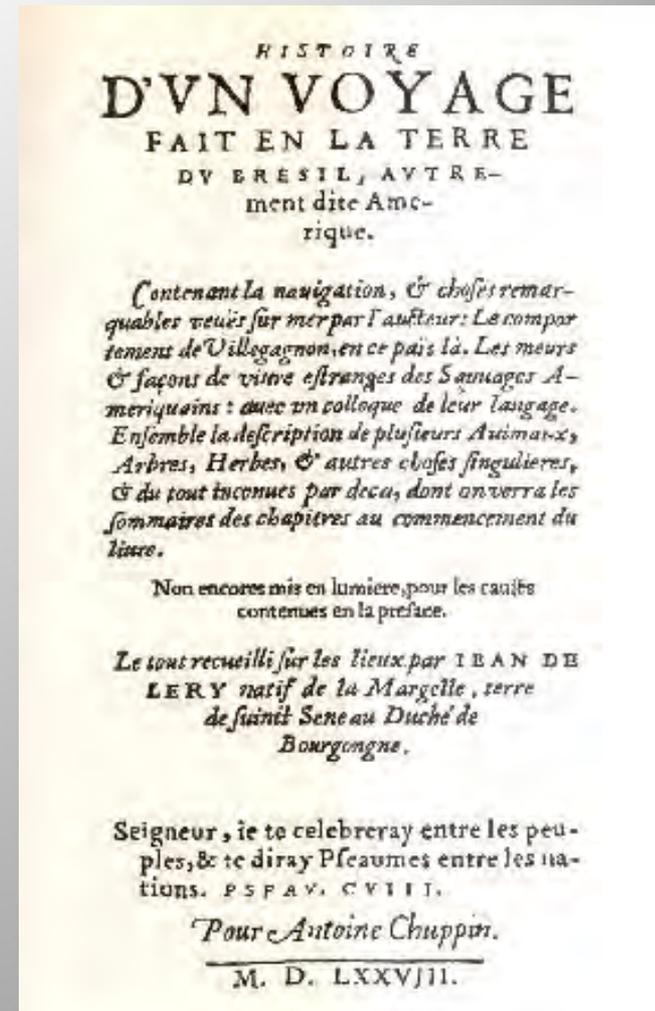
Jean de Léry (1534-1613): *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique* (Genebra/La Rochelle 1578)

Calvinista que esteve no Brasil do 19/11/1556 ao 26/5/1558.

Lévi-Strauss: “obra mestra da literatura etnográfica” (*Tristes tropiques*, 1955)

Entre descrições da flora e fauna dá conta da sua convivência com os Tupinambá.

Ao contrário do costume da época, descreve os ameríndios como seres humanos iguais ou, até, superiores aos europeus.



Segundo Léry, o canibalismo dos Tupinambá, que diz ter observado em consequência de uma guerra contra uma tribo vizinha, seria moralmente superior às atrocidades cometidas pelos seus conterrâneos franceses nas guerras religiosas.

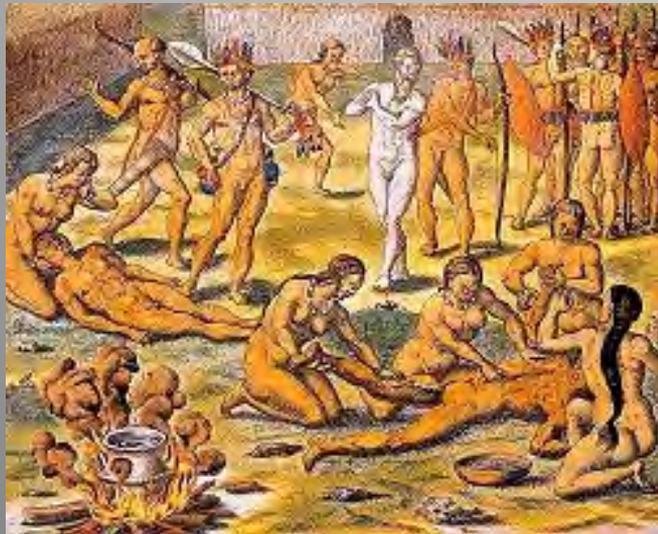
(Léry foi testemunho da massacre da noite de São Bartolomeu, 1572).

O seu texto ganha em importância devido ao facto de as ideologias políticas ou religiosas ficarem relegadas a um segundo plano.

Documentário “Brasil - Tradições Indígenas”:

<http://www.youtube.com/watch?v=tzWp1a0PuSA>





Portugueses que propagaram o mito dos selvagens caníbais

Pêro de Magalhães Gândavo (1540-1580):

História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil (Lisboa, 1576)

Quando estes indios tomão alguns contrarios, se logo com aquelle impeto os não matão, levão-nos vivos pera suas aldêas (ou sejão portuguezes ou quaesquer outros indios seus imigos), e tanto que chegão a suas casas lanção huma corda mui grossa ao pescoço do cativo pera que não possa fugir, e armão-lhe huma rede em que durma e dão-lhe huma india moça, a mais fermosa e honrada que ha na aldêa, pera que durma com elle, e tambem tenha cuidado de o guardar, e não vai pera parte que não no acompanhe. Esta india tem cargo de lhe dar muito bem de comer e beber; e depois de o terem desta maneira cinco ou seis mezes ou o tempo que querem, determinão de o matar; e fazem grandes 3 cerimonia e festas aquelles dias, e aparelhão muitos vinhos pera se embedarem, e fazem-nos da raiz duma herva que se chama aypim, a qual fervem primeiro e depois de cozida mastigão-na humas moças virgens espremem-na nuns potes grandes, e dalli a tres ou quatro dias o bebe.



E o dia que hão de matar este cativo, pela manhã se alguma ribeira está junto da d'êa levão-no a banhar nella com grandes cantares e foliaz tanto que chegão com ele á aldêa, atão-no pela cinta com quatro cordas cada huma pera sua parte e tres, quatro indios pegados em cada ponta destas e assi o levão ao meio dum terreiro, e tirão tanto por estas cordas que não se possa bolir pera huma parte nem pera outra, as mãos deixão soltas porque folgão de o ver defender com ellas. Aquelle que o hade matar empenna-se primeiro com pennas de papagaio de muitas cores por todo o corpo: ha de ser este matador o mais valente da terra, e mais honrado. Traz na mão huma espada dum pao mui duro e pesado com que costumão de matar, e chega-se ao padecente dizendo-lhe muitas cousas e ameaçando-lhe sua geração que o mesmo ha de fazer a seus parentes; e depois de o ter afrontado com muitas palavras injuriosas da-lhe huma grande pancada na cabeça, e logo da primeira o mata e lhe fazem pedaços.



Está huma india velha com hum cabaço na mão, e assi como elle cae acode muito de pressa com elle a meter-lho na cabeça pera tomar os miollos e o sangue: tudo emfim cozem e assão, e não fica delle cousa que não comam. Isto he mais por vingança e por odio que por se fartarem. Depois que comem a carne destes contrarios ficão nos odios confirmados e sentem muito esta injuria, e por isso andão sempre a vingar-se huns contra os outros. E se a moça que dormia com o cativo fica prenhe, aquella criança, que pare depois de criada, matão-na e comem-na e dizem que aquella menina ou menino era seu contrario verdadeiro por isso estimão muito comer-lhe a carne e vingar-se delle. E porque a mãi sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que morra. E acontece algumas vezes affeiçoar-se tanto a este cativo e tomar-lhe tanto amor que foge com elle pera sua terra pera o livrar da morte.



E assi alguns portuguezes ha que desta maneira escaparão e estão hoje em dia vivos; e muitos indios que do mesmo modo se salvarão, ainda que são alguns tam brutos que não querem fugir depois de os terem presos; porque houve algum que estava já no terreno atado pera padecer e davão-lhe a vida e não quiz senão que o matassem, dizendo que seus parentes o não terião por valente,



e que todos correrião com elle; e daqui vem não estimarem a morte; e quando chega aquella hora não na terem em conta nem mostrarem nenhuma tristeza naquelle passo.

Finalmente que são estes indios mui deshumanos e crueis, não se movem a nenhuma piedade: vivem como brutos animaes sem ordem nem concerto de homens, são mui deshonestos e dados á sensualidade e entregão-se aos vicios como se nelles não houvera rezão de humanos ainda que todavia sempre têm resguardo os machos e as fêmeas em seu ajuntamento, e mostram ter nisto alguma vergonha. Todos comem carne humana e têm-na pela melhor iguaria de quantas pode haver: não de seus amigos com quem elles têm paz se não dos contrarios.

Antropofagia Tribal como Tradução Cultural

- **Ritual tanto ideológico como fisiológico:** sacrifício religioso de prisioneiros de guerra, seleccionados segundo as suas qualidades de força, valentia, orgulho e lealdade a um código de honra.
- **Complexidade do ritual:** convivência com e integração social na tribo vencedora, enfeite corporal, obrigação a entoar um canto da morte, abatimento e ingestão como prática sagrada, etc.
- **Objectivo:** apropriação tanto simbólica como corpórea das melhores qualidades do inimigo, digestão simultaneamente física e simbólica.
- **Códigos tanto éticos como estéticos (processo est/ético):** forma de tradução cultural colectiva, transcrição.



Tradução da antropofagia — um fenómeno étnico em conflito com padrões europeus

- **Rejeição ideológica:** cultura colonizadora portuguesa considera-a contrária aos valores ‘civilizados’.
- **Eufemização cristã-racionalista:** conceito ilustrado do *bom selvage* (Rousseau) deforma o significado original da antropofagia. Viajantes do Século das Luzes divulgam na Europa o tópicos do selvagem ingénuo e inocente.
- **Mutação simbólica ineficaz:** não consegue corrigir as políticas genocidas e de aculturação forçosa.
- **Apropriação pelo Romantismo brasileiro:** procura de uma tradição étnica ininterrupta, das raízes de uma identidade própria, diferenciada dos padrões europeus.
- **Indianismo assimila o ritual antropofágico:** invenção da nova “raça brasileira” e da sua história cultural.
- **Substituição da cultura indígena por valores europeus** (logocêntricos, ética cavaleiresca, etc.).



Tradução Cultural da Antropofagia no Romantismo: Gonçalves Dias (1823-1864)

- Introduz Romantismo no Brasil, indianismo na literatura brasileira como marca de nacionalismo.
- Descende da parte materna de indígenas, conviveu na infância com indígenas do Maranhão.
- Contrasta as fontes (p.ex.: "Reflexões sobre os *Annaes Historicos do Maranhão*", de Bernardo Pereira de Berredo).
- Denuncia a escravatura dos indígenas e dos negros.
- Combina sentimento anti-lusitanista/anti-colonialista com preocupação social.
- 1.º poeta a falar da 'nova raça brasileira', valorizando o componente indígena.
- Caracteriza o ameríndio como "a extinta raça" e fundador da nacionalidade.
- Critica o português como explorador e catequista exterminador de índios.
- Denuncia o cristianismo do português como falso.



Gonçalves Dias: Afirmação da identidade nacional através da tradução cultural

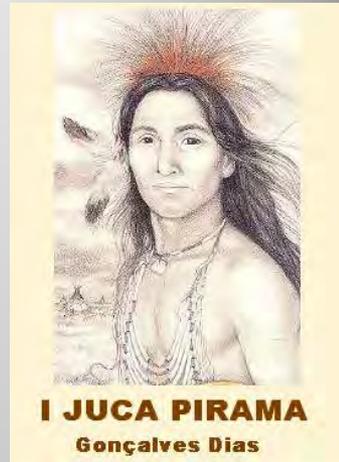


"Meditação" (1845): dor trazida pela civilização é a perda da liberdade que implica a afirmação da independência brasileira, da nacionalidade.

Critica o português colonizador, explorador e catequista , exterminador de ameríndios:

“Extinguiram-se os índios; este facto é atribuído pelo desembargador Seabra à cobiça dos jesuítas, os jesuítas o atribuíram à cobiça dos seus compatriotas; se não queremos indagar quais deles foram mais cobiçosos, ao menos claramente resulta do dizer de ambos que **foi a cobiça, a ganância - a causa do extermínio dos indígenas.**” (*Obras Posthumas*)

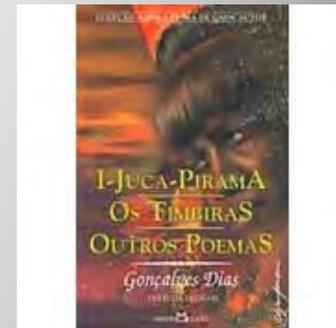
Fundamentação etnográfica do poema "I-Juca-Pirama" (de *Últimos Cantos*, 1851)



Num estudo das cerimônias de morte dos prisioneiros dos Timbiras, Gonçalves Dias diz:

- “**Os índios primitivos**, naquelas festas de sangue, que eram o enlevo [a êxtase] de suas tabas [habitações], quando prisioneiros entoavam com voz segura o seu canto de morte e caíam impávidos [destemidos] e ameaçadores sob os golpes da iverapema [maça com que matavam os prisioneiros], **eram verdadeiros heróis.**”
- “[...] atam ao pescoço do prisioneiro a *massarana* [espécie de corda], que é feita de algodão ou embira [planta arbustiva], e pintam a maça *tangapema* [espécie de maça], como escrevem alguns, ou *iverapeme*, como escrevem outros, com a qual deverá ser sacrificado [...]. Também às mulheres incumbe pintar o rosto e o corpo ao prisioneiro [...]. [Este] blasonava-se [vangloriava-se] com incrível audácia e petulância [ousadia] das suas proezas passadas. [...] já a dois passos da vítima se deverá ter acendido a fogueira e preparado o moquém [grade para secar carne]. Uma mulher se aproxima mostrando-lhe a maça voltada com as penas para cima.”

I-Juca-Pirama como tradução ideológico-cultural da antropofagia



O herói representa neste poema uma colectividade; é o emblema de uma tribo:

- "Guerreiros, descendo da tribo tupi!" (IV, 5-6)
- "[...] um Tupi não chora nunca" (V, 29)
- "[...] nem fora justo / que a fama dos Tupis - o nome, a glória, / aturado labor de tantos anos, / Derradeiro brasão da raça extinta, / De um jacto e por um só se aniquilasse" (IX, 29-33)

A sua gesta, sintetizada no seu canto de morte (IV, 15-38), é a gesta de uma tribo.

O jovem tupi acabou por declarar guerra aos timbiras para se mostrar digno de morrer nas suas mãos. Esta valentia é o traço característico dos indígenas de Gonçalves Dias.

Ele até alude ao domínio dos brancos:

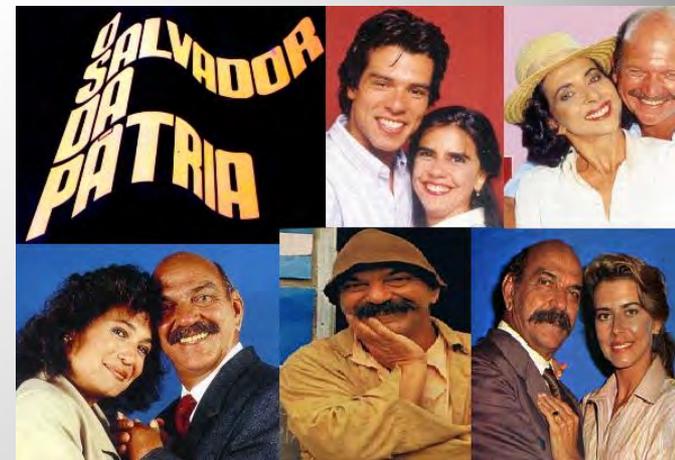
- "que vinham traidores com mostras de paz".

Diversas traduções culturais em *I-Juca-Pirama*

- Padrões medievais como ética cavaleiresca > cultura brasileira emergente
- Antropofagia como pecado > Antropofagia como valor fundacional (coragem, honradez) duma nação emergente
- Antropofagia tribal > processo transcultural
- Ameríndio idealizado > antecessor da “raça brasileira”



I-Juca-Pirama traduzido para a TV



“O Salvador da Pátria”, telenovela de 1989:

- Ambientada no narcotráfico das cidades fictícias de Tangará e Ouro Verde.
- Gira em torno de Sassá Mutema, um agricultor sem terra própria que acaba sendo cooptado por um fazendeiro, Severo Toledo Blanco.
- Para evitar um escândalo com sua amante, Marlene, Severo convence Sassá a se casar com ela para criar uma fachada.
- No entanto, Marlene é assassinada e encontrada morta com **Juca Pirama, locutor de rádio que denunciava as oligarquias e os traficantes locais.**
- Tanto os fazendeiros quanto os sindicalistas rurais manipulam Sassá para que ele confesse um duplo homicídio que não cometeu, e transformam um crime político em um crime passional.
- Com a fama, Sassá Mutema acaba convencido a se candidatar a prefeito e é eleito, o que desagrade aos traficantes que começam a ameaçá-lo.
- A novela acompanha a mudança de Sassá, de analfabeto a político poderoso, permanecendo sempre um brinquedo usado ao sabor das conveniências.



SEMANA DE ARTE MODERNA - CATALU DA EXPOSIÇÃO S. PAVLO 1922

Theatro Municipal

SEMANA DE ARTE MODERNA

PROGRAMMA DO PRIMEIRO FESTIVAL

SEGUNDA-FEIRA, 13 DO CORRENTE — A's 20.30 horas

1.ª PARTE
 Conferencia de Graca Arnalves:
 A emoção esthetica na arte moderna, illustrada com musica escutada por Ernani Braga e poesia por Gallicrmo de Almeida e Ronald de Carvalho.
 Musica de camera
VILLA-LOBOS
 1 — Sonata II de violoncello e piano — 1916.
 A (Alegro Moderato) — B (Andante) — C (Scherzo — D (Alegro vivace sostenuto e final).
 Alfredo Gomes e Lucilla Villa-Lobos.
 2 — Trio Segundo (1916) violino, cello e piano.
 A (Allegro Moderato) — B (Andantino calmo) (Berceuse-Bacante) — C (Scherzo-Spiritoso) — (Molto Allegro e final).
 Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes e Fructuoso de Lima Villas.

2.ª PARTE
 Conferencia de Ronald de Carvalho:
 A pintura e a esculptura moderna do Brazil
 3 — Solos de piano — Ernani Braga.
 (1917) A (Valsa Mystica) — (Da simples collectas (1919) B (Camponesa Cantadeira — "Da sala focal", (1921) C (A Flautista).
 4 Ottoeto — (Tres danças africanas)
 A (Farrapo) — (Dança dos moços) 1914.
 B (Kantikus) — (Dança dos velhos) 1915.
 C (Kankikis) — (Dança dos mezinhas) 1916.
 Violões, Paulina d'Ambrosio, George Marinuzzi, Ato de Inho Frederico.
 Violoncellos, Alfredo Gomes, Baixo, Alfredo Carara. Flautas: Pedro Vieira, Clarino: Antão Soares, Piano: Fructuoso de Lima Villas.

Preços para
CAMAROTES e FRISAS, 18\$000
 Bibetes à venda no theatro Municipal e na secretaria do

aa 3 reeitas;
CADEIRAS e BALÇONES 20\$000
 Automovel Club de São Paulo.

THEATRO MUNICIPAL SEMANA DE ARTE MODERNA

Realizou-se hontem no Theatro Municipal o segundo festival da "Semana de Arte Moderna". Uma boa concorrência, para a qual certamente contribuiu em grande parte a inclusão no programma do nome da nossa illustre pianista Guiomar Novaes.

Iniciou-se o sarau com a conferencia do sr. Menotti del Picchia. Pouco a pouco a atmospheria do theatro foi-se transformando com a collaboraço das galerias, a ponto de lembrar em certos momentos a famosa noite de estréa de Tórtola Valencia. Talvez isso tambem estivesse nas intenções dos promotores da reunião, embora não figurasse no programma. Espontanea manifestação

da galeria ou claue de novo genero, o certo é que as phrases e attitudes menos respeitosas attingiram algumas vezes artistas respeitaveis pelo seu talento e o seu passado, que collaboravam no festival. Mas, para os "verdadeiros modernistas", o passado das nações ou dos individuos não contam... Não se lhes pôde negar, nisso ao menos, uma certa logica...

Só a senhorita Guiomar Novaes conseguiu ser ouvida em silencio profundo, mesmo quando executava esse "archaico musicista" chamado Debussy, naturalmente uma perfeita nullidade para os que querem iniciar a Nova Era...

Amanhan o terceiro e ultimo festival consagrao ao compositor Villa-Lobos.

A exposiço de pintura e esculptura está aberta no saguão do theatro durante o dia.

Antropofagia e Modernismo



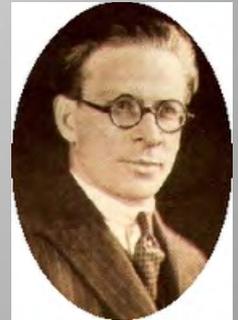
A Semana de Arte Moderna 11-18 de Fevereiro de 1992, Teatro Municipal de São Paulo

Exposição de pintura, escultura e arquitectura; espectáculos, conferências.

Apresentação das novas tendências na música, literatura e artes plásticas.

Menotti del Picchia, conferência sobre "Arte moderna“:

*“A nossa estética é de reacção. Como tal, é guerreira. O termo futurista, com que erradamente a etiquetaram, aceitamo-lo porque era um cartel de desafio. [...] Não somos, nem nunca fomos "futuristas". Eu, pessoalmente, abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. [...] No Brasil não há, porém, razão lógica e social para o futurismo ortodoxo, porque o prestígio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade da sua maneira de ser futura. Demais, **ao nosso individualismo estético repugna a jaula de uma escola.** Procuramos, cada um, actuar de acordo com o nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade.”*



O público reagiu com pateadas e gritos. No dia seguinte, Menotti escreveu numa crónica de jornal: "Houve quem latisse como cachorro".

ANTECEDENTES DO MODERNISMO



Oswald de Andrade (1890-1954)

Introduz Futurismo e verso livre: "Ver com olhos livres".

Anita Malfatti (pintora, estudos na Europa e nos EUA),
exposição de 1917 criou polémica:

"Arte caricatural" vs. negação da cópia,,
"chocar com o preconceito fotográfico"



Mário de Andrade (1893-1945), 1917:

"Fora os que algarismam os amanhãs"



**Criticavam o passadismo, sentiam entusiasmo
pela pintura de A. Malfatti:**

Arte devia excluir o realismo descritivo e o
objectivismo, limitadores da criação artística.

Irritação do público por causa da nova literatura e da nova arte plástica



A Boba de Anita Malfatti



Cinco Moças de Guaratinguetá,
de Di Cavalcanti.

Os caminhos até à teoria antropofágica —
Oswald de Andrade: *Manifesto da poesia pau brasil* (1924)

Tese central:

**Primitivismo + síntese do moderno & primitivo
=
poesia de exportação**



Ilustração de Tarsila do Amaral para a capa do livro de Poemas Pau Brasil, lançado por Oswald em 1925

"A poesia existe nos fatos": Rejeição do saber adquirido.

Dicotomias:

“escola” vs. “floresta”

“bacharelismo, formação coimbrã” vs. “bárbaro e nosso”

Os caminhos até à teoria antropofágica — Oswald de Andrade: *Pau Brasil* (1925)

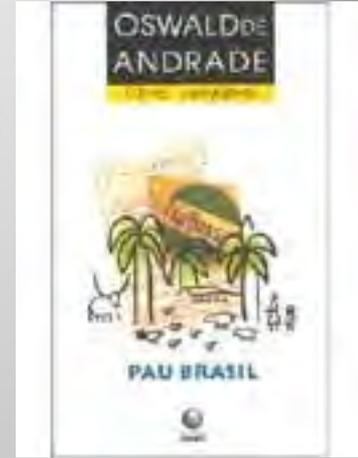
Poemas concretizam o *Manifesto da poesia pau brasil*:

Novo + Antigo

Moderno + Primitivo

Escola + Floresta

Internacionalista + Nacionalista



"História do Brasil": Textos retomados aos primeiros cronistas e viajantes.

Cf. Ezra Pound: "make it new".

"Poemas da colonização": Instantâneas da história da escravatura.

Retrata o dia-a-dia dos negros a modo cinematográfico.

Paródia das estéticas anteriores. Retoma e confronta 2 conhecidíssimos poemas românticos:

"Meus oito anos" de Casimiro de Abreu, e

"Canção de exílio" de Gonçalves Dias.

Meus oito anos

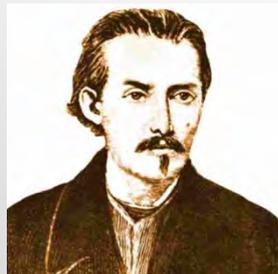
Casimiro de Abreu (1839-1860)

**Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!**

[.....]

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
-Pés descalços, braços nus-
Correndo pelas campinas,
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Rezava ás Ave-marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

[.....]



**Recriação,
adaptação... ou
tradução
antropofágica?**

meus sete anos

Oswald de Andrade (1890-1954)

Papai vinha de tarde
da faina de labutar
Eu esperava na calçada
Papai era gerente
Do Banco Popular
Eu aprendia com ele
Os nomes dos negócios
Juros hipotecas
Prazo de amortização
Papai era gerente
Do Banco Popular
Mas descontava cheques
No guichê do coração.
meus oito anos

**Oh que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua de Santo António
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais
Eu tinha doces visões
da cocaína da infância
Nos banhos do astro-rei
Do quintal da minha ânsia
A cidade progredia
Em roda de minha casa
Que os anos não trazem mais
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais**

Os caminhos até à teoria antropofágica — Tarsila do Amaral



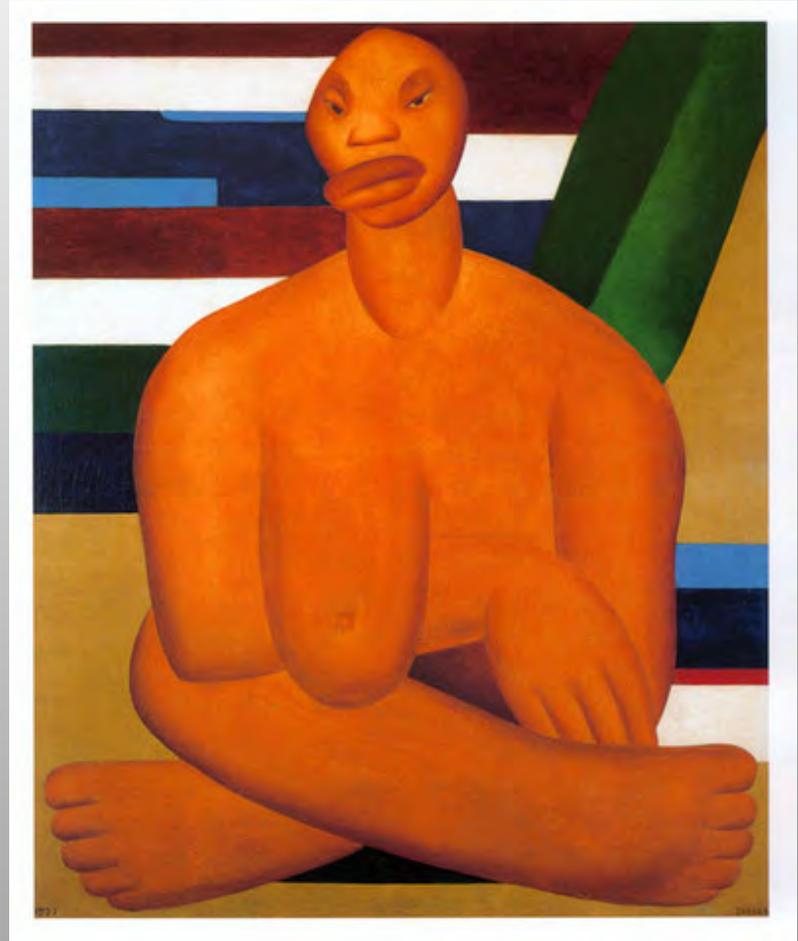
Tarsila do Amaral:
A Negra (1923)

Pintado em Paris, enquanto tomava aulas com Fernand Léger.

Elementos cubistas no fundo da tela.

Pintura antecessora da fase antropofágica na obra de Tarsila.

Alude à infância de Tarsila, uma vez que o seu pai era um grande fazendeiro, e as negras, filhas de escravas, eram as amas, as babás que cuidavam das crianças.



Tarsila do Amaral: fundadora da antropofagia cultural modernista

Tarsila do Amaral: *Abaporu* (1928), Museu de arte latino-americana de Buenos Aires.

aba = ser humano, pessoa
pora = gente
ú = comer
“A pessoa que come gente”

Quadro mais importante já produzido no Brasil.

Pintado para ser oferecido a Oswald de Andrade, seu marido de então.

O. de Andrade a Raul Bopp: "Vamos fazer um movimento em torno desse quadro?"

Tarsila do Amaral pegou no seu dicionário tupi-guarani e baptizaram o quadro “Abaporu”.



Tarsila do Amaral, *Antropofagia* (1929)

[Combinação do "Abaporu" com "A Negra"]





“O Ovo
(Urutu)”,
1928



“Floresta,”
1929



“Sol poente”,
1929

Correspondências do movimento antropofágico na Europa

Francis Picabia: « MANIFESTE CANNIBALE DADA »

Vous êtes tous accusés ; levez-vous. L'orateur ne peut vous parler que si vous êtes debout.

Debout comme pour la Marseillaise,
debout comme pour l'hymne russe,
debout comme pour le God save the king,
debout comme devant le drapeau.

Enfin debout devant DADA qui représente la vie et qui vous accuse de tout aimer par snobisme, du moment que cela coûte cher.

Vous vous êtes tous rassis ? Tant mieux, comme cela vous allez m'écouter avec plus d'attention.

Que faites vous ici, parkés comme des huîtres sérieuses — car vous êtes sérieux n'est-ce pas ?

Sérieux, sérieux, sérieux jusqu'à la mort.

La mort est une chose sérieuse, hein ?

On meurt en héros, ou en idiot ce qui est même chose. Le seul mot qui ne soit pas éphémère c'est le mot mort. Vous aimez la mort pour les autres.

À mort, à mort, à mort.

Il n'y a que l'argent qui ne meurt pas, il part seulement en voyage.

C'est le Dieu, celui que l'on respecte, le personnage sérieux — argent respect des familles.

Honneur, honneur à l'argent : l'homme qui a de l'argent est un homme honorable.

L'honneur s'achète et se vend comme le cul. Le cul, le cul représente la vie comme les pommes frites, et vous tous qui êtes sérieux, vous sentirez plus mauvais que la merde de vache.

DADA lui ne sent rien, il n'est rien, rien, rien.

Il est comme vos espoirs : rien.

comme vos paradis : rien

comme vos idoles : rien

comme vos hommes politiques : rien

comme vos héros : rien

comme vos artistes : rien

comme vos religions : rien

Sifflez, criez, cassez-moi la gueule et puis, et puis ? Je vous dirai encore que vous êtes tous des poires.

Dans trois mois nous vous vendrons, mes amis et moi, nos tableaux pour quelques francs.



Lu à la Soirée du Théâtre de la Maison de l'Oeuvre, 27 mars 1920

Antropofagia, o Movimento - 1

Funda-se o Clube de Antropofagia e a *Revista de Antropofagia*, na qual Oswald de Andrade publica em 1928 o "Manifesto Antropófago".

Revista de Antropofagia 3

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as catecheses. E contra a mãe dos Graecios.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fadados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em drama. Froid acabou com o sinigois mulher e com outros sinigos da psychologia impressa.

O que antropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra si homem vestido. O cinema americano pleniemaria.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da sanidade, pelos immigrados, pelos traficados e pelos touristas. No país da cobra grande.

Fui porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca sabiamos o que era urbano, suburban, fronteirico e continental. Preguiçosos no tempo mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religião.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palvada da vida. E a mentalidade reologica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Quetemos a revolução Caraliba. Maior que a revolução Francesa. A utilização de todas as revoltas eficaazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria siquer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Caraliba. Oá Villeganhe print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevita, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keynesing. Caminhamos.

Nunca fomos catechizados. Vivemos através de um direito soamado. Frazes Christo nasce na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da logica entre nós.

Só podemos attender ao mundo circular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança. A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instinto Caraliba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o solo.

Nunca fomos catechizados. Frazes foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingido de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

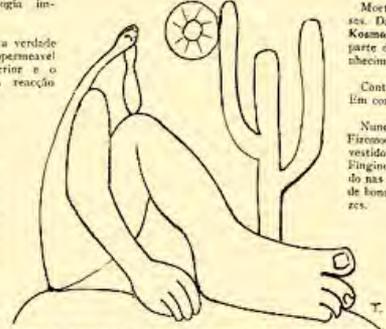
Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti Imara Notá Notá Imara Ipejú

Contra o Padre Vieira. Autor do musso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel, mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o atoucar brasileiro. Vieira deixou o diabo em Portugal e nos trouxe a labia.

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de merghano. E as iniquições exteriores.

Só não há determinismo - onde há misterio. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7



Movimento acaba quando Oswald e Tarsila se separam em 1929.

ABRE-ALAS

M A N H Ã

Nós eramos xifópagos. Quási chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo figado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o indio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o indio e come o chamado civilizado: só éle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiéncia moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (esse carnava). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Esse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados d'ele se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a denteça.

Gente: pode ir pondo o caum a ferver.

António de Alcântara Machado.

MARIO DE ANDRADE

"Ali vem a nossa comida pulando"

(V. Hans Staden - Cap. 28)

Antropofagia, o Movimento - 2

Intenção do Movimento Antropofágico:

- "deglutir" a cultura europeia
- transformá-la em algo "genuinamente" brasileiro.

Importância fundamental para a cultura brasileira até hoje.

Oswald de Andrade sugere que esta metáfora cultural da antropofagia podia ser entendida como uma filosofia universal.

Oswald de Andrade:

"A reabilitação do primitivo" (1954)

https://www.youtube.com/watch?v=6v4EC0J_WVs&t=91s

<http://estudoslusofonos.blogspot.com/2011/11/antropofagia-brasileira-do-ritual.html>



Oswald de Andrade: "brasil"



O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
- Sois cristão?
- Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
- Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval.

(Poesias Reunidas)

Antropofagia: uma tradução cultural paradigmática

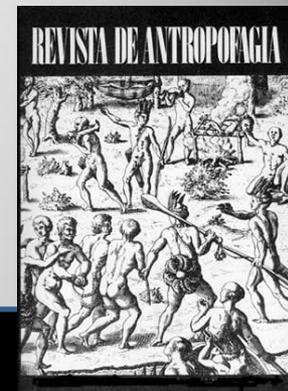
- Ritual guerreiro e antropofágico indígena foi traduzido para uma metáfora cultural.
- Para a arte, para a literatura, para a música, para uma teoria da tradução, etc., etc.
- Fenómeno não pára de se desenvolver e diversificar na cultura brasileira desde o romantismo.
- Ilustra de forma incomparável a história das culturas.



Tarsila do Amaral: "A lua", 1928, óleo sobre tela, MoMA

MANIFESTO ANTROPOFÁGICO

Oswald de Andrade



Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.
Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

Estamos fatigados de todos os maridos católicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psicologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil.

Uma consciência participante, uma rítmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida.

Oswald de Andrade traduz a Antropofagia

Subverte tópicos e prejuízos, como processo crítico de formação/tradução da cultura brasileira:

“Contra todos os importadores de consciência enlatada.”

Tradução do carnaval:

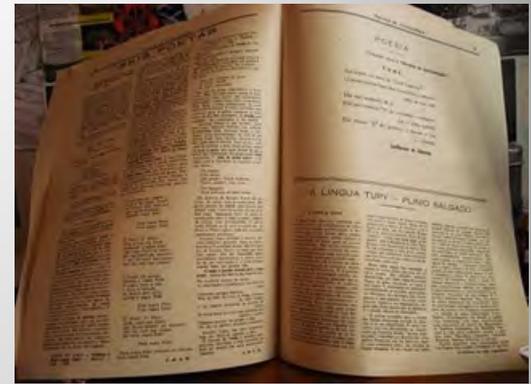
“Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império.”

Tradução idiossincrásica do futurismo:

Domesticação das ideias radicais de Marinetti e das vanguardas europeias em geral.



Teoria antropofágica postula uma nova constelação identidade-alteridade



Transformação do alheio em próprio:

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Oú Villegaignon print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos. Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

Tensões culturais modernas no Brasil:

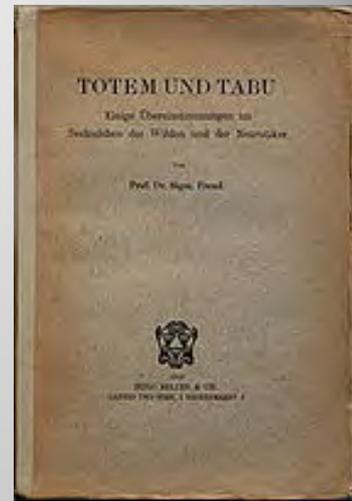
alteridade vs. identidade

dependência ideológica/estética vs. criatividade autodeterminada

Solução que oferece Oswald de Andrade no *Manifesto Antropofágico*:

“Tínhamos a justiça codificação da vingança.
A ciência codificação da Magia. Antropofagia.
A transformação permanente do tabu em tótem.”

Sigmund Freud: **Tabu & Totem** (1913)



Tabu = antropofagia

Intraduzibilidade do sagrado = Ideologia metafísica e essencialista

Teoria antropofágica de O. de Andrade:

Tudo pode ser transcrito, traduzido, adaptado...

Transformação do tabu antropofágico em tótem:

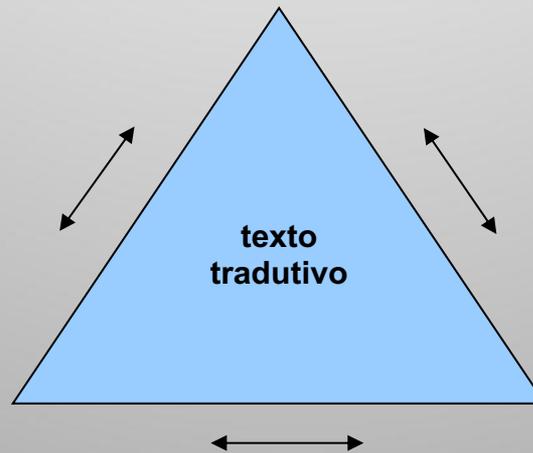
sacralização / metaforização de um processo da tradução cultural ilimitada e livre

= processo de transcrição cultural

Antropofagia = símbolo de unidade através de um constante processo de transcrição (cf. *Umdichtung*, Walter Benjamin)

Modelo hermenêutico da Tradução & Paratradução

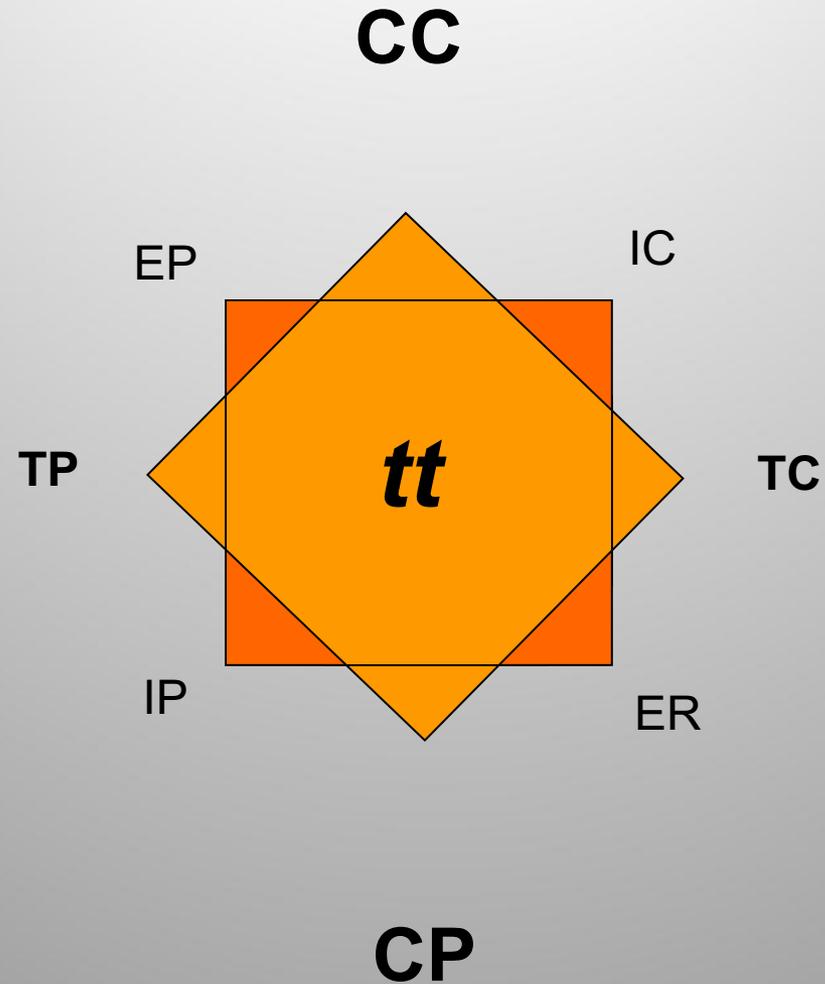
aístesis
do (con)texto



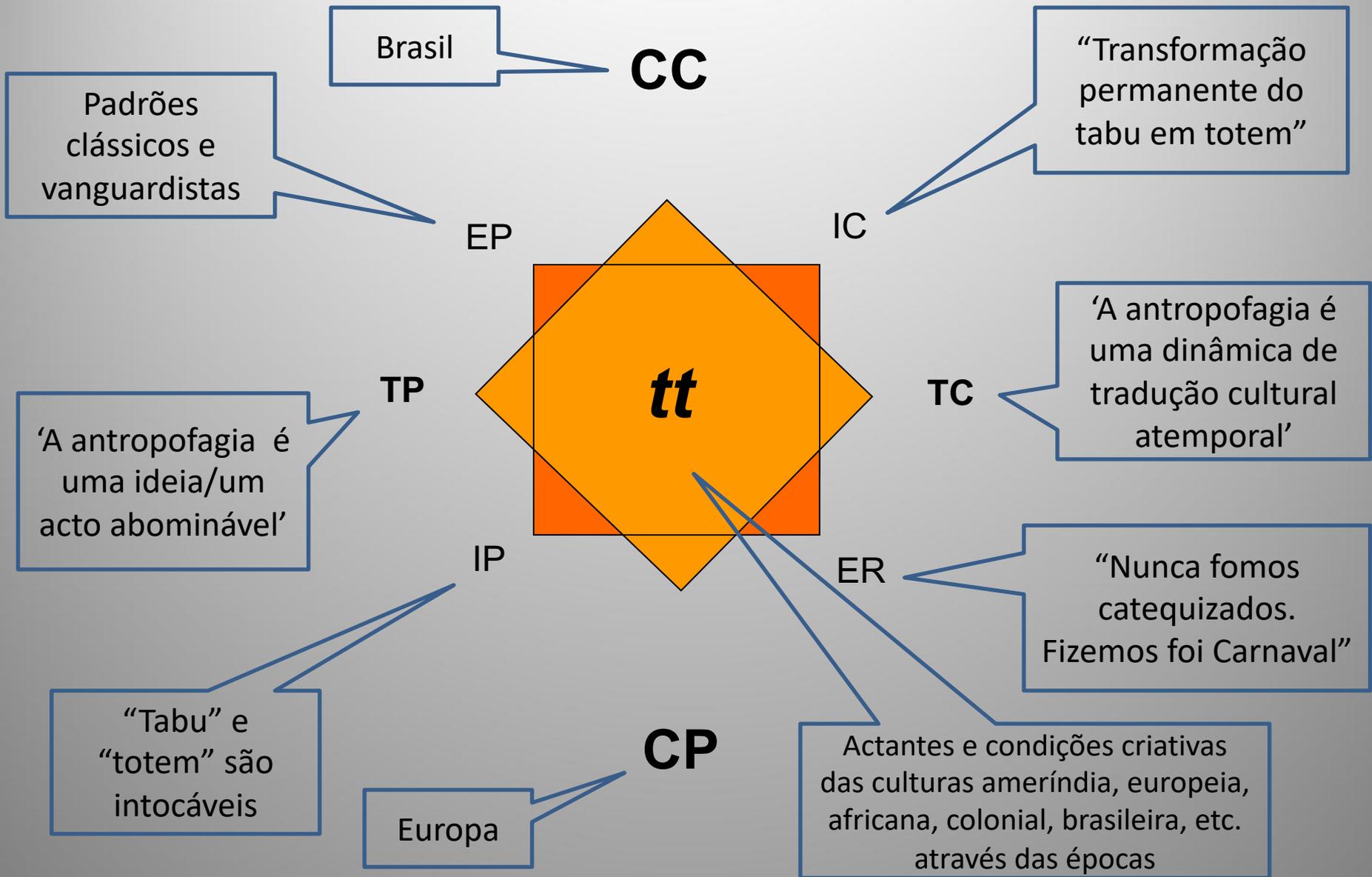
anestésica / heterotopía

estética / utopía

Modelo hermenêutico do contexto para/tradutivo



Modelo para/tradutivo da teoria antropofágica



Modificações na Tradução Cultural da Antropofagia

TP e IP: atenuados ou neutralizados, em relação ao aspecto físico-psicológico da violência ritual.

Civilização ocidental confrontada com a própria 'origem'.

O pavoroso (*das Unheimliche*, Freud):

“O carácter do pavoroso indica a existência de um assunto antigo e bem familiar que tem sido reprimido.”

(Freud 1921: 468, trad. nossa)

Neutralizam-se as componentes psicologicamente inquietantes e incomensuráveis para a visão do mundo ocidental, tal como o pensamento animista e o acto físico de trincar e ingerir carne humana.

Tradução cultural da antropofagia na linguagem modernista

Verifica-se

- Uma paradoxal convivência de empréstimos e refutações do discurso freudiano.
- Uma sublimação cultural do pavoroso no rito antropófago.
- Uma transcrição da antropofagia em ideia estética, em identidade cultural e, mais tarde, em teoria da tradução cultural.

Encontro Internacional de Antropofagia
14 a 17 de dezembro de 2005

Convidados Nacionais e Internacionais:
Aparecida Vilaça (RJ)
Augusto de Campos (SP)
Beth Conklin (EUA)
Charles A. Perrone (EUA)
Christopher Dunn (EUA)
Gilberto Vasconcelos (MG)
Gilles de Staël (França)
Gonzalo Aguilar (Argentina)
Jean François Chougnnet (França)
Jorge Mautner (RJ)
José Miguel Wisnik (SP)
Lucia Helena (RJ)
Manuela C. da Cunha (Portugal)
Sueley Rolnik (SP)
Zé Celso Martinez Correa (SP)



Apresentações Musicais:
Beatriz Azevedo
Jorge Mautner & Nelson Jacobina
José Miguel Wisnik & Arthur Nestrovski
Oficina Cultural Oswald de Andrade
Teatro Oficina Uryna Uryona
Zé Celso Martinez Correa

Artes Plásticas e Cenografia:
Aguilar
Laura Vinci

Leituras e Intervenções Teatrais:
Beatriz Azevedo
Pascoal da Conceição
Tadeu Jungle
Walter Silveira
Zé Celso Martinez Correa

Inscrições www.sescsp.org.br
e-mail sescsp@sescsp.org.br
Informações www.antropofagia.com.br

Oswald de Andrade em desenho de Tarsila, 1923.

SESC POMPÉIA SÃO PAULO BRASIL rua Cláudia 93 fone (11) 3871 7700 **SESCSP**

E a história poderia continuar e continuar

...

Tropicalismo, Tropicália: Caetano Veloso, Hélio Oiticica

...

Poesia Concreta: Décio Piagnatari, Augusto de Campos, Haroldo de Campos

...

Caetano Veloso: poesia e música, “Língua”

...

Adriana Calcanhoto: “Vamos comer Caetano”

...

Bom apetite!